



Assembleia Municipal de Vila Real

ASSEMBLEIA MUNICIPAL DE VILA REAL  
Sessão de 29/06/2018  
Deliberação Tomada unânime-  
mente

# ATA NÚMERO QUATRO

## SESSÃO EXTRAORDINÁRIA

DE

25 DE ABRIL 2018



---- No dia vinte e cinco de Abril de dois mil e dezoito, no Conservatório Regional de Música de Vila Real, reuniu a Assembleia Municipal de Vila Real, sob a presidência do seu Presidente, João Manuel Ferreira Gaspar (PS), coadjuvado por Henrique de Matos Morgado (PS) e Maria de Fátima Gonçalves Mouriz Correia (PS), respetivamente Primeiro e Segunda Secretários. -  
----Assinaram a “Lista de Presenças”, para além dos mencionados, os seguintes Deputados Municipais: Isabel Maria Clemente Matos (PSD), Carla Alexandra Ribeiro de Carvalho Martins (PS), Maria Elisabete Ferreira Correia de Matos (PSD), Rodrigo Silva Monteiro de Campos e Sá (PS), Eurico Vasco Ferreira Amorim (PSD), Zita Maria Lameirão Pires (PS), Gilberto Paulo Peixoto Igrejas (PS), José Augusto Fernandes Barroso Borges Rebelo (PSD), Tiago José Rodrigues Monteiro (PS), Fátima Manuela dos Santos Duro Rodrigues (PSD), Fernando Manuel Silveira Lopes (PS), José Monteiro dos Santos (PS), Abílio de Mesquita Araújo Guedes (PSD), Sónia Isabel Esteves Cruz (PS), Patrique José Luís Alves (CDS-PP), Octávio Martins Salgueiro (PS), Fernando António Pádua Correia de Azevedo (PSD), João Paulo Gonçalves da Nóbrega (PS), Almerinda Maria Machado Coutinho (PS), Cristina Teixeira Peixoto (PSD), Cristiano da Silva Pereira Moreira (PS), Almiro Amaro Pereira Campos (PS), Vítor Hugo Correia Mesquita (PSD), Luís Filipe Borges Brigas (PS), Jorge Manuel do Souto Alves (PS), Ivo Miguel Fernandes Moreira (Mais e Melhor), José Armando Ribeiro de Sousa (PS), Jorge Luís Jorge Maio (PS), Francisco José Moreiras Nogueira (PS), Manuel João Musqueira Pombal (PSD), João Filipe Magalhães Gonçalves (PS), Paulo Alexandre Portela Correia (PS), Francisco Alcino Varandas Coutinho (Sentir), Helder Albertino Carneiro Afonso (PS), Mauro Miguel de Novais Tavares (Amar Lordelo), Artur Ribeiro de Carvalho (PS), Luís Fernando Nogueira Pereira (PS), Francisco José Ferreira da Rocha (PS), Manuel Agostinho Claro Pimenta (PSD), Maria Adília Barrias Clemente (PSD), José Maria Aires da Costa (PS), Sandra Maria Guedes Teixeira Marcelino (PS). -----

**---- Foram justificadas as faltas e admitidas as substituições dos seguintes Deputados Municipais. -----**

----- O Deputado efetivo, José Joaquim Abraão (PS), não se fez substituir. -----

---- Isabel Maria Clemente Matos (PSD), Deputada em substituição, face à ausência justificada do Deputado efetivo Luís Manuel Morais Leite Ramos (PSD). -----

---- Vítor Hugo Correia Mesquita (PSD), Deputado em substituição, face à ausência justificada de Deputado efetivo, Pedro Fernando Seixas Leite da Silva (PSD). -----

---- João Filipe Magalhães Gonçalves (PS), Secretário da Junta de Freguesia de Folhadela, face a ausência justificada do Presidente da mesma Freguesia, Manuel Adolfo Salgueiro Libório (PS). -----

---- Mauro Miguel de Novais Tavares (Amar Lordelo), Secretário da Junta de Freguesia de Lordelo, face a ausência justificada do Presidente da mesma Freguesia, José Duarte de Carvalho Gomes (Amar Lordelo). -----

----- Luís Fernando Nogueira Pereira (PS), Presidente da Assembleia de Freguesia de Mondrões, face a ausência justificada do Presidente da mesma Freguesia, Félix Manuel Lourenço Salgado Touças (PS). -----

---- Carlos Alberto Pitrez dos Santos (PS), Presidente da União de Freguesia de Adoufe/Vilarinho da Samardã, não se fez substituir. -----

----- **Faltas injustificadas:** Não houve. -----

----- A Câmara Municipal esteve representada pelo Senhor Presidente Rui Jorge Cordeiro Gonçalves dos Santos e pelos Senhores Vereadores do PS: Adriano António Pinto de Sousa, José Maria Guedes Correia de Magalhães, Carlos Manuel Gomes Matos da Silva, Ana Mafalda Figueiredo Gonçalves Vaz de Carvalho, Nuno Miguel Félix Pinto Augusto. -----

---- Eugénia Margarida Coutinho da Silva Almeida, não esteve presente. -----

-----Do PSD estiveram presentes os Senhores Vereadores: António Batista de Carvalho, Manuel Carlos Trindade Moreira. -----

----- **Hora de abertura:** Às dez horas, constatada a existência de quórum, o Senhor Presidente declarou aberta a presente Sessão Extraordinária. -----

## ORDEM DO DIA

**Ponto Único** – Sessão Solene Comemorativa do 44º Aniversário do 25 de Abril de 1974.

----- **O PRESIDENTE DA MESA DA ASSEMBLEIA MUNICIPAL (JOÃO GASPAR):**- No uso da palavra, disse: Minhas Amigas e Meus Amigos, estamos hoje aqui num ambiente extraordinário, numa Assembleia Municipal evocativa e comemorativa do vinte e cinco de Abril. -----

---- Este espírito é magnífico, este espírito consensual entre todas as pessoas que estão aqui. É ótimo respirar este ambiente, era ótimo continuarmos sempre com este espírito pelas nossas vidas, dar valor ao que realmente tem e menosprezar os *faits-divers*, aquilo que o não tem. -----

São mais as coisas que nos unem do que aquelas que nos separam, por isso vamos dar início aos trabalhos desta Assembleia e permitam-me que faça um agradecimento muito especial aos nossos jovens deputados que engradecem esta Assembleia de uma forma qualitativa, de uma forma imaculada. -----

---- Por isso, meus jovens deputados, vamos a eles, sem medo, com toda a nossa raça. -----

---- Vou começar a chamar um por um, porque nós já nos conhecemos destas andanças, estas aquisições para nós são o nosso futuro, são os que nos vão fazer ganhar campeonatos, são os que vão ser a nossa balança, são os que vão ser a nossa consciência. Tudo aquilo que eles serão no futuro dependerá de nós. -----



- . Leonor Peixoto Nunes
- . Maria Francisca Peixoto Carvalho
- . Margarida Teixeira Carvalho
- . Matilde Nogueira Ferreira
- . Filipe Luís Silva Meireles
- . João Pedro Figueiredo Fernandes
- . Rodrigo Manuel Lameira Fonseca
- . José Ismael Sousa Cunha
- . Inês Pinto Ferreira
- . Martim Lopes Borges Dias
- . Maria Elisabete Rodrigues Mina
- . Gonçalo Filipe Santos Correia
- . Sara Nóbrega de Seixas
- . Cristiana Eira Barreiro
- . Martim Batista Carvalho
- . Lara Alves Cruz
- . David Luís da Costa Batista
- . Beatriz Maria Quintas Peixoto Poeta igrejas
- . Maria Silva Amoedo
- . Beatriz Regina Costa Matos
- . Beatriz dos Santos

--- Meus amigos, ponham os olhos neles, ofereçam-lhes uma salva de palmas. Vão todos fazer uma intervenção, vão todos ter a sua quota-parte nesta assembleia. Muito obrigado de nós todos, obrigado aos pais por terem facilitado e a todos os professores e escolas do concelho de Vila Real, que nos deram esta maravilhosa oportunidade. -----

--- Vamos começar por dar a palavra ao Senhor Deputado Patrique Alves, do CDS-PP, faça favor. -----

----- **O DEPUTADO MUNICIPAL PATRIQUE ALVES (CDS-PP):** - No uso da palavra, disse:

*«Exmo. Sr. Presidente da Assembleia Municipal,*

*Exmo. Sr. Presidente da Câmara Municipal, Sras. e Srs. Vereadores*

*Sras e Srs. Deputados,*

*Ilustres convidados, permitindo-nos que cumprimentemos de forma especial os jovens que hoje aqui estão.*

*Celebrar a democracia, celebrar a liberdade, ou o caminho que ainda tem que ser percorrido até elas e sobretudo a sua perpetuação, é um desafio difícil e exigente, que requer o envolvimento de todos. Nenhum povo estará preparado para enfrentar o futuro, se não souber honrar o seu passado e se não viver o presente com determinação.*

*Não se pode falar de democracia, nem de liberdade no nosso país sem se referir quem liderou o sentimento de um povo que ambicionava esse caminho, falo-vos de quem em 25 de novembro de 1975, com Jaime Neves, esse nosso conterrâneo transmontano, que deu um forte contributo para nos libertar das amarras de uma ditadura comunista que se tentava impor ao nosso povo, garantindo que Portugal seguia no sentido do pluralismo, da democracia e da liberdade de expressão.*

*A 25 de novembro de 1975, terminava um dos mais tenebrosos períodos da nossa história, o PREC, onde as nacionalizações, os saques, a violência e o desrespeito pela propriedade privada, foram mínimo denominador comum. Foi também neste tempo que de forma abrupta e impreparada, se quebrou a ligação de séculos com os territórios ultramarinos, abandonando até aos dias de hoje os que serviram a pátria na guerra colonial, pessoas de esquerda e de direita, que a única coisa que disseram, foi sim quando a pátria os chamou a servi-la, essa mesma pátria que ao longo destes quarenta e quatro anos lhes tem virado as costas, assobiando para o lado relativamente aos seus traumas de guerra, que martirizam esses heróis e suas famílias, heróis sim porque quem serve a pátria sem dela se servir, concordem ou não é um herói.*

*Mas por falar na nossa história, mesmo que pouco inscrita nos livros, hoje é também dia de recordar as centenas de milhar de portugueses, de todas as raças de todos os credos, que foram abandonados à Sua sorte e que foram deportados das então províncias ultramarinas, com apenas a roupa que traziam no corpo.*

*A nossa história não se apaga, nós abandonamos à Sua sorte os portugueses das ex-províncias ultramarinas e deixamos os povos dos recém criados países, à mercê de guerras civis e de regimes comunistas e não vale a pena dizer que não havia outro caminho, porque havia, o nosso povo e aqueles povos mereciam outro caminho, o caminho da autodeterminação o caminho da democracia, caminhos que ainda hoje alguns desses países nossos irmãos trilham com dificuldade.*

*Assumir os nossos erros, assumir as nossas escolhas políticas erradas, deveria ser um dos exercícios mais nobres da nossa vivência democrática enquanto estado.*

*Ao logo destes anos o nosso povo soube mostrar de que massa é feito, libertou-se das amarras do PREC do terror das FP25, mostrando-se também sempre presente para resgatar o país das situações aflitivas para onde este foi sendo lançado, só nestas últimas quatro décadas já lá vão três pedidos de assistência financeira ao FMI.*

*Muitas e muitas reflexões poderíamos fazer sobre o nosso caminho de liberdade e democracia alicerçado em 25 de novembro de 1975, mas como o tempo urge, permita-me Sr. Presidente que o saúde, pela Sua iniciativa de trazer para esta sessão tantas crianças e jovens, que farão da nossa terra e do nosso país lugares de excelência e que honrarão o legado do mais antigo estado Nação da Europa, Portugal.*

*No CDS estamos conscientes que os desafios são muitos, vivemos num país onde é preciso desde logo credibilizar a política junto das pessoas e em especial dos jovens, é preciso mostrarmos às pessoas que em democracia as eleições contam, que o seu voto conta, é imperioso que governe quem ganha eleições, é imperioso moralizar o sistema político, é fundamental envolver de forma efetiva os cidadãos na política.*

*Os nossos políticos têm que ser capazes, de resolver os graves problemas que afetam o nosso país, de entre eles destacamos a situação de rutura no serviço nacional de saúde, onde assistimos em vários dos nossos hospitais a condições de atendimento desumanas e desajustadas de um país da comunidade europeia, falamos do abandono, repito do abandono, a que foi votada a nossa floresta e dos trágicos acontecimentos do ano transato que nos encham de vergonha e que neste período do ano nos encham de preocupação, ao percebermos que continuamos sem uma estratégia para a floresta, falamos do declínio do diálogo inter-geracional com uma expressão crescente em situações de abandono dos nossos idosos.*

*Continuamos a viver a viver o fantasma da dívida pública crescente, sim é verdade o valor absoluto da dívida aumentou em 1,6 mil milhões — é agora de 242,6 mil milhões de euros, a carga fiscal atingiu com este governo um nível nunca antes visto e no nosso concelho temos um pacote fiscal nada amigo dos munícipes, o que nos pode levar a concluir que os portugueses e os vilarealenses em particular, precisam de mais liberdade, especialmente mais liberdade fiscal.*

*Sr. Presidente, a liberdade e a democracia, constroem-se todos os dias e não são papel apenas dos políticos nas sim de todos os membros da sociedade, todos têm essa responsabilidade, os desafios que se colocam são grandes, no plano nacional e internacional, onde ditaduras cruéis sacrificam os seus povos, dando os exemplos da Venezuela, da Coreia Norte e de guerras como é o caso da Síria, ser livre e ser democrata é também ser solidário perante estes povos que sofrem, não compreendemos pois que existam partidos no nosso espetro político que defendam estas ditaduras.*

*Construamos pois, todos os dias mais um pouco do nosso espírito democrático, a começar na nossa casa, na nossa rua, na nossa freguesia e no nosso concelho.*

*Sr. Presidente da Câmara, governar com uma maioria confortável no executivo e na assembleia municipal, pode ser um elemento facilitador da Sua ação política, mas tal não o deve impedir de ouvir a oposição e sobretudo de ouvir os vilarealenses, pois só assim se poderá construir um concelho mais justo e mais competitivo. São muitos os temas em que deve o PS local ouvir outras vozes que não apenas a sua, reforçamos que é urgente criar um concelho fiscalmente mais atrativo, pois só assim vamos ser capazes de capitalizar de forma expressiva em termos de criação de emprego, é necessário envolver os partidos políticos e a sociedade nas decisões estratégicas que vão marcar a vida dos nossos concidadãos ao longo de várias décadas, como é o caso do PEDU. Temos que ser um concelho charneira em termos*

*de desenvolvimento económico, social e ambiental, em termos demográficos e em termos de capacitação técnica da região e do país, apostando na projeção da nossa universidade e promovendo a sua aproximação ao território.*

*A grande obra, mais do que qualquer arranjo urbanístico, deve ser voltada para as pessoas e sobretudo voltada para os jovens, projetando um concelho que saiba dar as condições para fixar novos quadros tornando a nossa sociedade mais ágil, mais dinâmica, capaz de saber receber cada vez melhor os que nos vistam e que saiba respeitar e dignificar os mais velhos. A democracia e a liberdade, não têm cor, não têm data nem hora, são um contínuo de gestos, de ações, que devem sempre promover o respeito pelo ambiente pelas pessoas, pela sua história e sobretudo o respeito pela liberdade de pensar e desenhar um futuro melhor.*

*Viva Vila Real,  
Viva Portugal».*

---- **O PRESIDENTE DA MESA DA ASSEMBLEIA MUNICIPAL:-** Agradeceu e deu a palavra ao Senhor Deputado do Partido Social Democrata, Vasco Amorim. -----

---- **O DEPUTADO MUNICIPAL VASCO AMORIM (PSD):** - No uso da palavra, disse:

*Exmo. Senhor Presidente da Assembleia Municipal e Elementos da Mesa;*

*Exmo. Senhor Presidente da Câmara Municipal e Ilustre Vereação;*

*Senhoras e Senhores Membros da Assembleia Municipal de Vila Real;*

*Exmas. Autoridades Cívicas e Militares aqui representadas;*

*Exmos. Elementos das Corporações dos Bombeiros;*

*Senhoras e Senhores Profissionais da Comunicação Social;*

*Minhas Senhoras e Meus Senhores:*

*A todos quero expressar os meus mais sinceros cumprimentos muito em especial aos jovens parlamentares que hoje brindam com a sua presença aqui entre nós.*

*É uma honra para mim, discursar mais uma vez, representando o Partido Social Democrata nesta Sessão Solene do 44º Aniversário do 25 de Abril de 1974*

*O longo tempo que durou o autodenominado Estado Novo teve na sua fase final com Marcelo Caetano a chamada primavera Marcelista, com um abrandamento da repressão política, e com as eleições para a Assembleia Nacional de Outubro de 1969.*

*Trocou o nome de PIDE por Direção Geral de Segurança, e ao partido único de apoiantes do regime chamado União Nacional, passou a ser Ação Nacional Popular. Uma forma de tentar liberalizar o regime, embora mantendo a Guerra no ultramar.*

*Nestas circunstâncias, surgiram alguns eleitos independentes a que se chamou a Ala liberal, com cerca de 30 deputados, onde integrava um jovem Advogado do Porto, chamado Francisco Sá Carneiro.*



Após várias tentativas usando iniciativas parlamentares e a sua conhecida oratória argumentativa, Sá Carneiro torna-se no primeiro deputado a demitir-se da Assembleia Nacional em 1973 afirmando, “É o fim”, compreendendo que o regime não se iria reformar por dentro. Outros deputados o seguiram posteriormente.

Com o contínuo desgaste da guerra, a situação da carreira militar e a insustentável repressão do regime, que torna a aumentar no início de 1974, surge um movimento militar que muda o curso da história. Um movimento encabeçado por jovens militares corajosos permite-nos hoje, comemorar nesta data, o ressurgimento da liberdade, valor tantos anos fechado, num inverno social rigoroso, num atraso de cultivo de ideias e de relacionamentos internacionais - em especial com a Europa - num atraso nos níveis de alfabetização, científico e tecnológico.

*Minhas Senhoras e meus Senhores*

*Comemorar Abril é celebrar a Democracia e a Liberdade.*

Quando em 2009 eu tive também a honra de discursar no 35º Aniversário do 25 de Abril de 1974 nesta Assembleia, há 9 anos, portanto, não imaginava o desenvolvimento histórico que conhecemos hoje.

Todos acreditávamos que as instituições democráticas seriam suficientemente sólidas e maduras para executarem a vigilância constitucional que impedissem situações de descalabro financeiro do Estado.

Por falta de responsabilidade e sentido de estado, pela terceira vez em Democracia fomos à pré-bancarota. Isto resultou que um funcionário público em 2018 tenha de ter boa memória para se lembrar que teve o seu maior salário no longínquo ano de 2010, enquanto os trabalhadores do sector privado terão experimentado cortes de vencimento mais rápidos e profundos e em muitos casos - o desemprego. Entre os jovens o desemprego atingiu valores impensáveis. O empobrecimento e as desigualdades instalaram-se. Portugal voltou a divergir da Europa.

Esta crise aprisionou os sonhos de muitos jovens e menos jovens, e frustrou as expectativas daqueles que tinham a esperança de aproveitar de outra forma os anos de reforma. Entretanto as suas pensões, mesmo depois de aplicados profundos cortes solidários, foram ainda usadas para ajudar no sustento e obrigações de filhos e netos.

Sá Carneiro, premonitório como sempre, dizia num comício em 1978: “Não há futuro económico e social possível quando o problema principal não é o excesso de consumo privado, com o que nos querem convencer, mas o excesso de consumo público, a monstruosidade das despesas públicas.”

Muitos falharam na vigilância democrática. Ora por excesso de confiança nas elites, ora pela pouca fiscalização dos chamados na época, centros de decisão nacionais.

A limitação dos poderes de fiscalização da justiça, a ausência de meios de investigação e leis labirínticas permitiram aos “donos disto tudo”, agrilhoar os portugueses ao peso insustentável da dívida pública.



*Não é fácil reproduzir o sentimento vivido pelos jovens em plena crise sob intervenção da troika, mas tentando, socorro-me de uma letra da música do grupo Deolinda, que reproduzo parcialmente:*

*“Sou da geração sem remuneração.*

*E nem me incomoda esta condição.*

*Que parva que eu sou.*

*Porque isto está mau e vai continuar,*

*Já é uma sorte eu poder estagiar.*

*Que parva que eu sou.*

*E fico a pensar:*

*Que mundo tão parvo,*

*Onde para ser escravo*

*É preciso estudar.*

*Sou da geração "casinha dos pais".*

*Se já tenho tudo, p'ra quê querer mais?*

*Que parva que eu sou.*

*Filhos, maridos, estou sempre a adiar,*

*E ainda me falta o carro pagar.*

*Que parva que eu sou.*

*E fico a pensar:*

*Que mundo tão parvo,*

*Onde para ser escravo*

*É preciso estudar.*

*Sou da geração "vou queixar-me p'ra quê?",*

*Há alguém bem pior do que eu na TV.*

*Que parva que eu sou.*

*Sou da geração "eu já não posso mais!",*

*Que esta situação dura há tempo demais,*

*E parva eu não sou! ...)"*

*E se a vocalista Ana Bacalhau não é parva, também os meus alunos e tantos outros encontraram no seu inconformismo a força para vencerem todas as dificuldades.*

*Reconhecendo o valor do conhecimento e o desenvolvimento das suas capacidades,*

*acabaram os seus estudos superiores e procuraram no estrangeiro as oportunidades que o seu próprio país não lhes conseguia proporcionar.*

*Exportamos mão-de-obra qualificada à força da necessidade. Exportamos energia, iniciativa e talento. Em Portugal não tinham lugar, nem proveito. A maioria venceu as dificuldades e percebem agora que Portugal terá que mudar o seu sistema político, económico, administrativo e social. As empresas necessitam modernizar-se, inovar e investir.*

*Socialmente, não podemos viver confortáveis deixando para outros, muitas vezes chamados abstrata e anonimamente de “políticos”, os destinos do país; teremos de nos erguer, de participar como cidadãos em busca de soluções, baseadas no diálogo, no estudo ou na mais simples conversa.*

*Minhas Senhoras e meus Senhores*

*O objetivo da vida política parece diferente do que era em 1974, mas é apenas uma ilusão. Na verdade, nunca foi tão importante prosseguir, hoje e já, sem parar, na libertação da pessoa humana de todas as formas de alienação, opressão e exploração que a degradam à condição de números abstratos. Como exemplo recente, lembremo-nos dos que foram abandonados à desertificação humana do território, deixados a arder num mar de chamas, numa destruição imensa e catastrófica, sem meios, nem auxílio, que incendiou a nossa consciência coletiva.*

*A política moderna deve procurar para os homens, mulheres e crianças de Portugal as condições para o livre desenvolvimento da sua personalidade e para que possam, em solidariedade, assumir o papel de autores e sujeitos da nossa história, com base na criatividade e ambição. E isto só pode ser conquistado em liberdade e com muita solidariedade.*

*Citando Sá Carneiro: "Podemos sentir ou não vocação para o desempenho de atitudes ou de cargos políticos, podemos aceitar ou não as condições em que estamos, concordar ou não com a forma como a intervenção nos é facultada, mas não temos o direito de nos demitirmos da dimensão política, que, resultante da nossa liberdade e da nossa inteligência, é essencial à condição de homens".*

*Celebrar Abril é procurar permanente inspiração nos valores mais intemporais e duradouros que a revolução nos legou. É identificar e combater, dia a dia, todas as formas de injustiça, discriminação, despotismo e obscurantismo. É lutar, na esfera pública como na privada, por uma sociedade evoluída, informada, responsável e inclusiva.*

*Encerro, pois, esta intervenção com um apelo a todos em especial aos mais jovens, à participação cívica diária, livre e responsável que exalte a pessoa humana, no personalismo e no humanismo. Novamente prontos para voltar a trabalhar numa nova reforma estrutural, do ambiente à cultura, da economia ao sistema social, onde todos deverão aprender com os erros e aproveitar as riquezas da criatividade e inteligência inter-geracional, pois sempre foram os jovens a fazer cada revolução e as restantes gerações a apoiá-los.*

*As próximas gerações não nos irão perdoar, se não dermos o melhor de nós próprios, em prol de valores e princípios que são os alicerces de uma sociedade justa, sustentável, próspera e livre.*

*Não vamos deixar ninguém para trás, o futuro depende de nós.*

*Obrigado espírito de Abril.*

*Disse”.*

----- **O PRESIDENTE DA MESA DA ASSEMBLEIA MUNICIPAL:-** Agradeceu e disse: De seguida convidava a Senhora Deputada Sandra Marcelino para usar da palavra em representação da Bancada do Partido Socialista. -----

----- **PRESIDENTE DA JUNTA DE FREGUESIA DE VILA MARIM E DEPUTADA MUNICIPAL SANDRA MARCELINO (PS):** - No uso da palavra, disse:

*«Exmo. Sr. Presidente da Assembleia Municipal, permita-me que na sua pessoa cumprimento a restante mesa, os meus caros amigos Fátima Mouriz e Henrique Morgado,*

*Exmo Sr. Presidente da Câmara Municipal, permita-me que na sua pessoa cumprimento os restantes vereadores,*

*Exmas Sras e Srs Convidados, representantes das entidades civis, militares e religiosas do nosso concelho,*

*Exmas Crianças do nosso concelho,*

*Exmas, Sras e Srs Deputados*

*Sugeriram-me que preparasse o discurso da Bancada do Partido Socialista.*

*Tarefa difícil, primeiro porque é a primeira vez que me dirijo a vós, neste dia memorável, depois porque a solenidade exigiria de mim, conhecimentos políticos profundos do Portugal de ontem e do Portugal de hoje. E não os tenho. Vivo num tempo de aprendizagens constantes, sobretudo a nível político. Portanto, falar-vos-ei do coração. Só sei falar deste modo. Não esperem um discurso erudito e de frases feitas. Compreendam-no à luz de uma mulher que ousa viver, bebendo sempre do seu passado e da sua história mas com um olhar posto sempre no futuro.*

*Não renego às minhas origens e há minha identidade! Orgulho-me de ter passado por lá e ter iniciado o voo alguma vez almejado! Vivíamos tempos difíceis! Já tinha três anos o filho da liberdade, quando eu nasci! O 25 de abril! O dia da esperança! O dia que revolucionaria a forma de ser e estar na sociedade! Em boa hora nasceste! Os meus avós e até os meus pais que até aí sobreviviam, viram em ti, um sinal de esperança e de prosperidade! Um sonho que até aí se supunha inalcançável! O sonho de educar os filhos e netos numa sociedade de igualdade de direitos, de igualdade de oportunidades! O sonho de verem os seus filhos singrarem na vida como acontecera com os filhos dos seus senhores! Sim, aqueles a quem os meus avós tratavam por “patrões”! Aqueles a quem, em ano de má colheita, exigiam a renda*



*a qualquer preço! Aqueles a quem os mais pobres obedeciam de corpo e alma! Os todopoderosos, donos do mundo! De que lhes valeu se nada levaram na hora das suas mortes?! Aquele que seria um império, transformou-se, com o passar dos anos, num território de terras abandonadas, solares em ruína! Aos que lhe obedeciam ensinaram, sem o saber, a lei da valentia, incutiram neles, sem se aperceber, caso contrário não o fariam, a audácia, a capacidade em resistir, à fome, à miséria e à subserviência. Agradeço-lhes também por isso, porque aprendi com os meus avós e com os meus pais a sobreviver com muito pouco. A transformar o pouco em muito, a reinventar energias quando tudo parece desmoronar! É o legado mais positivo que trago até mim e com certeza muitos de vós também!*

*Bem hajam homens e mulheres que decididamente naquela madrugada ousaram sonhar! Imbuídos do espírito de valentia e de coragem dos nossos antepassados, saíram à rua. Daquelas espingardas saíam cravos em vez de balas! Daquelas almas saíam sonhos em vez de medos! Venceram os sonhos! Venceu a Justiça e venceu a liberdade! A nossa geração e as que hão-de vir sentir-se-ão eternamente gratas pela coragem daqueles homens e mulheres que há 44 anos atrás acreditaram num futuro mais promissor, para o nosso país e para as nossas gentes!*

*Há, porém, velhos do restelo que continuam a questionar as liberdades conquistadas! Há aqueles que, insistentemente, teimam em criticar o “modus vivendi” do nosso tempo! Antigamente, havia respeito! Passámos do oito ao oitenta! A sociedade já não tem valores! Está tudo do avesso! Vivemos sem rei nem roque! A esses, embora compreenda a sua indignação e a sua revolta, lembremos-lhe diariamente que dessa massa somos todos feitos! As mudanças são tão naturais como ar que respiramos! Já o nosso Camões afirmava que “Todo o mundo é composto de mudança”! Saibamos, então alterar o rumo e a direcção das nossas suas vidas! Adaptemo-nos às mutações constantes! Não significa viver em total obediência às normas e regras da maioria! Atenção, às vezes as maiorias ofuscam-nos a capacidade de vermos e agirmos de modo diferente... Nesta perspetiva de ver o mundo por dentro, conseguimos encontrar-nos! Conseguimos perceber também o nosso mundo e assumir claramente, que não vamos por aí! Haverá maior liberdade do que aquela que nos orienta e que nos guia?! E essa, uma vez mais, conquistámo-la com o nosso querido 25 de abril!*

*Estará tudo consumado e conquistado?! Claro que não. Aceitar a premissa de que tudo está regulado e de que não são necessárias mais lutas e mais conquistas, continuaremos a negar os ideais da revolução dos cravos! Não podemos ignorar as desigualdades que ainda proliferam no nosso tempo. Falo-vos de desigualdades económicas que conduzem ainda muitas famílias ao abismo! Necessitam de ser integradas! Urge, sobretudo, que sejam incluídas! E não é só um dever dos profissionais da área social e dos responsáveis políticos! É um dever de todos nós! Cidadãs e cidadãos atentos ao mundo que nos rodeia! Paremos, por instantes, e ousemos socorrer quem está ao nosso lado. Às vezes uma palavra amiga ao idoso*

que vive isolado e na solidão, outras vezes, uma palavra amiga àquela mãe e àquele pai que estão desorientados na educação dos seus filhos...outras vezes, àqueles que são discriminados ainda pela sua crença religiosa, pela sua orientação sexual, pela sua raça, pela sua cor, pela sua deficiência...não tenhamos receio de lhes dar a mão, de abraça-los, de os compreender, de os ajudar e de os integrar! Em cada gesto e em cada palavra amiga, levemos o melhor de nós...mostremos-lhes o arco-iris da vida...demos-lhes um pouco de luz, de esperança e de aconchego! E nestes, pequenos gestos, estaremos já a transformar o mundo, num mundo melhor! Se for preciso ir à luta, lutemos! Se for necessário bater o pé, batemos! É preciso questionar, questionemos! Esta luta é de todos! Antes mesmo de apontarmos o dedo aos outros, reconhecemos, antes de mais, as nossas culpas e os nossos defeitos! Quando os descobirmos, lutemos diariamente contra eles! Esta luta interior ajuda-nos a redescobrir o nosso verdadeiro “eu” ou pelo menos a assumir os nossos múltiplos “eus”. A partir daqui, não será necessário enfrentar grandes batalhas porque já vencemos a mais difícil...a nossa! Também os ideais de abril nos ajudam nesta busca incessante daquilo que queremos e que caminhos queremos trilhar!

“Não sei quantas almas tenho”. É assim que me sinto no papel de mãe, de profissional, de mulher, de catequista, de autarca! Quem disse que isto era fácil...mentiu-me! Dizem que não é para todos! Mentira! O nosso papel, e falo concretamente para as mulheres que hoje nos ouvem, é fundamental numa sociedade que se quer ver equilibrada e tranquila. A subtilidade e a sensibilidade femininas têm contribuído para um mundo mais pacífico e mais solidário. Devemo-lo à nossa condição de mães guerreiras! Transportamos para aqueles que se vão cruzando connosco, a nossa forma de ser e estar na vida! Assumimos esses múltiplos papéis, sendo uma só! Os homens reconhecem em nós essa valentia e essa capacidade extraordinária de virar o mundo do avesso! Falo-vos, agora, do meu papel enquanto autarca! E, mais uma vez, posso falar hoje dele, graças ao nosso querido 25 de abril! O leme das autarquias, diziam alguns velhos do restelo também da minha terra, deve ser conduzido pelos homens! Era o que mais faltava, sermos governados por mulheres: diziam eles!? Pois bem, a esses provei e continuarei a provar que não há autarcas no feminino e autarcas no masculino. Há autarcas, ponto! Independentemente do género, a missão é a mesma: servir o povo! É assim que a entendo! É assim que a vivo! É assim que a respiro! É assim que quero continuar a trabalhar. Portanto não hesitem mulheres do nosso concelho! Queremos mais mulheres no comando! Homens que me ouvís, se virdes que alguma pode de facto fazer a diferença nas vossas terras, dai-lhes asas. Depressa empreendem o voo! É assim que se começa...ensaio após ensaio...jornada após jornada. Como autarca quero ainda deixar uma palavra de apreço a estas mulheres, só somos duas, por enquanto, mas também a estes homens que lideram os executivos das Juntas de Freguesia. Embora às vezes apeteça “deitar a toalha ao chão”, não nos resignemos, lutemos com todas as nossas forças. Sabendo, de antemão, que há lutas inglórias, que há lutas difíceis mas são esses combates que nos diferenciam. A nossa missão



*é muito nobre! O povo, democraticamente, deu-nos esse voto de confiança. Temos que honrá-lo. Temos que defende-lo! Na defesa das nossas terras e das nossas gentes, superemo-nos diariamente. Ao nosso Presidente de Câmara, pedimos uma atenção especial para as freguesias rurais! Há cidadãos que com muito pouco recuperam a sua dignidade! Lembre-se que somos feitos da mesma massa e contentamo-nos com pouco! “Muito pouquinho”, Ouse V<sup>a</sup> Ex<sup>a</sup> continuar a fazer diferente! É hora de continuar a cumprir-se abril! Contamos consigo, contamos com a sua equipa! Honraremos a missão que nos foi confiada!  
Viva o 25 de abril! Viva a Liberdade!»*

---- **O PRESIDENTE DA MESA DA ASSEMBLEIA MUNICIPAL:-** No uso da palavra, agradeceu e disse: E, agora, jovens deputados, chegou a vossa hora. Vão colocar umas questões e vão também dizer uma frase evocativa do 25 de Abril. -----

--- Eu chamava, com a vossa permissão o Senhor Coronel Pizarro para junto de nós, para se submeter a este questionário deste ilustres convidados. Muito obrigado, Senhor Coronel Pizarro, um militar do 25 de Abril, por estar connosco e nos presentear com a sua presença.

. Leonor Peixoto Nunes (Escola de Agarez) – *“25 de Abril é sinónimo de liberdade de pensamento. É a conquista do direito a lermos, a escrevermos e a emitirmos a nossa opinião. Viva a liberdade, a escolha e a opinião! Viva o 25 de Abril”.*

. Maria Francisca Peixoto Carvalho (Escola de Arrabães) – *“No 25 de Abril comemoramos a liberdade de criar, a obrigação de distribuir igualmente, e direito de pensar e ter ideias diferentes, Viva o 25 de Abril, Viva Portugal!”.*

. Margarida Teixeira Carvalho (Escola de Lordelo) – *“O 25 de Abril foi um sonho de um menino chamado Portugal, que recebeu com imensa alegria e esperança para um futuro de letra maiúscula”.*

. Matilde Nogueira Ferreira (Escola de Mondrões) – *“25 de Abril é dia de liberdade, de pensamento e de opinião”.*

. Filipe Luís Silva Meireles (Escola de Parada) – *“Após o 25 de Abril todas as crianças começaram a colorir o mundo com sonhos inocentes e a crescer em liberdade”.*

. João Pedro Figueiredo Fernandes (Escola do Prado) – *“Sou o João Pedro, frequento o 4º ano na EB do Prado. Em nome dos meus colegas e da minha escola, e nesta data de celebração da liberdade e democracia em Portugal, estou aqui, também, para cumprir Abril. E espero, esperamos, que se cumpra em igualdade de género e diversidade de opinião. Viva o 25 de Abril! Viva Portugal plural!! “.*

. José Ismael Sousa Cunha (Escola de Vila Marim) – *“Quadras do 25 de Abril*

*O dia 25 de abril*

*É um dia de alegria*

*Acabou a ditadura*

*E começou a democracia!*

*O sonho do capitão  
Originou a revolução  
E no povo criou  
Uma grande união!*

*A guerra acabou  
E a paz finalmente chegou  
Com os cravos na mão  
O povo cantou!*

*Liberdade, liberdade  
Quem a tem chama-lhe sua  
Acordámos de um pesadelo  
E fomos todos para a rua!*

*Este dia, os homens  
Devem sempre recordar  
Pra que ninguém ouse  
A liberdade roubar*

*Viva Portugal  
Viva a democracia  
Viva a liberdade  
Viva a alegria!"*

. Inês Pinto Ferreira (Escola Bairro S. V. Paula) – *“No 25 de Abril dizemos olá à liberdade, adeus à crueldade e as crianças já podem sonhar que são gaivotas a voar”.*

. Martim Borges Lopes Dias (Escola de Corgo) – *“Era uma vez uma País que vivia infeliz e que, no dia 25 de Abril, reconquistou o seu maior tesouro: a liberdade!”.*

. Maria Elisabete Rodrigues Mina (Escola das Árvores) – *“ O 25 de Abril de 1974 foi o dia em que as palavras liberdade e democracia passaram a pronunciar-se livremente pelo povo português. A partir desse dia as pessoas passaram a sorrir em liberdade, mas a liberdade não é fazermos o que queremos mas sim sermos responsáveis por aquilo que fazemos. Viva a Liberdade!.*

. Gonçalo Filipe Santos Correia (Escola nº 6 –Timpeira)-

*“Em Abril saiu à rua  
Cantando a revolução  
Cravos vermelhos nas armas  
Liberdade no coração!”*

. Sara Nóbrega de Seixas (Escola Vila Seca) – *“Adeus à escuridão, adeus à tempestade, sorrisos à primavera, abraços à Liberdade!!!”.*

. Cristiana Eira Barreiro (Escola Vilarinho da Samardã) – *“A revolução de 25 de Abril de 1974, aconteceu há 44 anos. É uma data muito importante na história do nosso país porque*



*representa o fim da opressão e o início da liberdade. Eu gosto de ter liberdade para escolher e para poder dizer o que penso”.*

*. Martim Batista Carvalho (Escola EB Abade de Mouços) – “25 de Abril – Dia da Liberdade”*

*“Dia 25 de Abril*

*É o dia da liberdade*

*Somos felizes assim*

*Isto é uma grande verdade.*

*Vinte e cinco de Abril*

*De mil novecentos e setenta e quatro*

*Um dia muito importante*

*Que não foi nenhum teatro.*

*Antes desse dia*

*Vivíamos numa ditadura.*

*Éramos pessoas tristes*

*Com uma vida muito dura.*

*Nessa época governava*

*Antónia de Oliveira Salazar*

*Era ele quem mandava*

*E o povo tinha que se calar.*

*Todos saíram à rua*

*No dia da Revolução*

*Proclamaram a liberdade*

*No meio da multidão.*

*Durante a Revolução*

*As tropas das Forças Armadas*

*Colocaram cravos vermelhos*

*Nos canos das espingardas.*

*A Revolução dos Cravos*

*Trouxe-nos a liberdade*

*Foi um grande acontecimento*

*Que ficará para a eternidade.*



*Viva a Liberdade!*

*Viva a Democracia!*

*Viva Portugal!*

*E viva a Alegria!*

. Lara Alves Cruz (Escola Araucária) – *“Se o 25 de Abril é conhecido como o Dia da Liberdade, pergunto: O que é a Liberdade? Como pode alguém viver sem Liberdade?”*

. David Luís da Costa Batista (Escola Araucária) – *“O Dia da Liberdade”*

*“Graças aos soldados*

*Dissemos adeus à ditadura*

*Vivíamos tão amargurados*

*Nessa altura.*

*Devemos homenagear os soldados,*

*Por esta Revolução*

*Deixarem uma profunda marca*

*No nosso coração.*

*Os Cravos são o símbolo*

*Da nossa liberdade*

*Agora que o temos*

*Que grande felicidade!*

*Expressar a nossa opinião*

*É uma riqueza que não tem comparação*

*Viva à Revolução de Abril!*

*Viva à Liberdade!*

. Beatriz Maria Quintas Peixoto Poeta Igrejas (Colégio Nossa Senhora da Boavista) – *O meu nome é Beatriz e tenho oito anos. Gostei muito de ter vindo aqui no dia de hoje, no dia 25 de Abril. Gostava de perguntar: “Como pensam os nossos políticos melhorar o nosso futuro?”*

. Matilde Silva Amoedo (Colégio Moderno de S. José) – *“Os meus avós contam-me histórias muito tristes dos 48 anos de ditadura, em que não tinham liberdade para viver em plena felicidade. O meu avô paterno foi marinheiro fuzileiro, enviado para as colónias, a mando de Salazar, sem direito a escolha...*

*Hoje, eu e os meus pais somos livres de tomar as nossas decisões e de nos expressarmos.*

*Mas seremos realmente mais felizes que os nossos avós? Ensinaram-me que os políticos têm um trabalho muito importante.*

*Eu gostava de saber se, realmente, contribuem para a felicidade de todos nós...!”*

. Beatriz Regina Costa Matos (Nuclisol – Jean Piaget) – *Olá, Chamo-me Beatriz, tenho uma pergunta a fazer – “Se vivemos num país democrático e livre, após o 25 de Abril de 1974, por que razão é que ainda existem cotas para a eleição de mulheres para a Assembleia Municipal de Vila Real?*

**Interpelou o Senhor Presidente da Assembleia Municipal, dizendo, estas questões e estes dizeres são para nós todos refletirmos, muito obrigado e muitos e muitos parabéns a vocês todos.** -----

--- Agora, Senhor Coronel, pedia a sua disponibilidade para responder a estes nossos heróis.

--- Pedia à Inês Pinto Ferreira para colocar uma questão ao Senhor Coronel Pizarro. -----

**Inês Pinto Ferreira** – *«A maioria das revoluções pelo mundo fora há muita violência. Por que é que no nosso país isso não aconteceu, tendo até ficado conhecida pela “Revolução dos Cravos?”».*

**Senhor Coronel Pizarro** – *A Inês perguntou por que a nossa Revolução não houve sangue, não houve mortes? Foi muito calma, havia cravos nas espingardas.* -----

--- Essas foi uma das nossas principais preocupações, as diretivas que tinham era evitar a todo o custo qualquer de barramento de sangue. E essa dos cravos, os militares quando chegaram a Lisboa colocaram todos cravos nas espingardas, para simbolizar a Revolução. Não foi bem assim, quando uma coluna ia a passar, um miúdo, resolveu tirar um cravo e coloca-lo numa espingarda. Se houvesse internet, redes sociais, aquilo era perfeitamente viral. -----

--- Mas houve um fotógrafo que conseguiu tirar aquela fotografia e ela apareceu em tudo que era mundo, a simbolizar uma revolução pacífica, sem mortos, de forma que todos os portugueses sentissem que estavam dentro da revolução, faziam parte da revolução, militares e civis, toda a gente. -----

**Senhor Presidente da Assembleia Municipal, Chamo agora a Lara Alves Cruz, para colocar a sua questão ao Senhor Corone!** -----

**Lara Alves Cruz, “O que é a liberdade? Como pode alguém viver sem liberdade?**

**Senhor Coronel Pizarro** – *Melhor do que eu está aqui nesta sala quem poderia responder a esta pergunta, mas também não vou deixar de responder porque a liberdade é algo que todos teremos de ter dentro de nós, ninguém que não seja livre pode exercer a sua atividade, seja onde for. E naqueles quarenta e oito anos que antecederam a revolução de abril, o povo não era livre.* -----

--- E eu conto-vos muito rapidamente um pequeno episódio. Era ligeiramente mais velho do que vós, tinha catorze anos, estudava no Liceu Gil Vicente em Lisboa. Houve uma grande manifestação de desagrado face à ocupação de Goa da Mouraria. Essa manifestação foi presidida pelo então Presidente do Conselho de Ministros, António de Oliveira Salazar. -----

---- Estavam milhares de pessoas, centenas de autocarros, era assim que funcionava antigamente, e nós no Liceu ficávamos perto do Campo Mártires da Pátria, fomos obrigados a ir participar e assistir nessa ação de desagravo do Presidente do Conselho de Ministros. ---

---- Fomos enquadrados nos contínuos, chegávamos lá, o Presidente do Conselho de Ministros, António de Oliveira Salazar, falava, de vez em quando parava, toda a gente batia palmas, e eu vinha do liceu, trazia as mãos ocupadas com os livros, naquele momento não bati palmas, não foi porque não quisesse bater palmas, mas sim, porque tinha as mãos ocupadas. -----

---- De repente uma mão pesada nas minhas costas a perguntar-me por que é que não batia palmas? E eu disse que tinha as mãos ocupadas. Sabem qual foi a resposta, que o Senhor me deu? Põe a porcaria, do m+4 letras dos livros no chão e bate palmas, fiquei eu sozinho a bater palmas no meio da manifestação. Tinha apenas catorze anos. Era de facto um sintoma de que nós não tínhamos liberdade, éramos obrigados a fazer tudo o que eles queriam e o povo vivia amordaçado há quarenta e oito anos. -----

---- Hoje, felizmente para vós, são livres, a democracia é plena, e nada destas coisas poderão acontecer, esperemos que nunca mais aconteça no país chamado Portugal. -----

**Senhor Presidente da Assembleia Municipal**, Chamava então a Beatriz Maria Quintas Peixoto Poeta Igrejas, para colocar a sua questão ao Senhor Coronel. -----

**Beatriz Maria Quintas Peixoto Poeta Igrejas**, *“Seremos realmente mais felizes do que os nossos antepassados?”*

**Senhor Coronel Pizarro** – Muito bem, olhem, basta olhar para esta sala, o sorriso no rosto de toda a gente para dizer que Portugal hoje é de certeza muito mais feliz do que era no passado. E essa foi uma das minhas experiências do próprio dia vinte e cinco.

---- Depois de Peniche, segui para Lisboa, cheguei ao fim da tarde, notava-se no rosto das pessoas a alegria e continha felicidade quando nós antigamente, os rostos sombrios, pesados e era aquilo que nos mostravam sempre que nos deslocávamo-nos para qualquer sitio. -----

---- O povo, a seguir à revolução, tinha praticamente tido o sucesso completo, as ruas estavam cheias de gente em Lisboa e notava-se felicidade, brilho nos olhos de todos eles. --

---- Foi essa uma das grandes experiências no dia vinte e cinco de Abril. -----

**Senhor Presidente da Assembleia Municipal**, Chamava então a Beatriz Regina Costa Matos, para colocar a sua questão ao Senhor Coronel. -----

**Beatriz Regina Costa Matos**, *“Se vivemos num país democrático e livre, após o 25 de Abril de 1974, por que razão é que ainda existem cotas para eleição de mulheres para a Assembleia Municipal da Câmara de Vila Real?”*

**Respondeu o Senhor Presidente da Assembleia Municipal**, Muito bem, Beatriz. Conforme tu vais para a escola logo de manhã e depois tens o recreio às 10.30h e às 11.00h, embora o quisesses fazer mais cedo, porque tinhas sede ou porque estás cansada, mas há regras que alguém colocou e diz: não, só podes sair às 10.30h. -----



--- Beatriz, é como nós a conduzir os automóveis, não podemos também ultrapassar um certo limite de velocidade, por isso, é que nós também quando estamos à mesa temos que comer de boca fechada. -----

--- Queres a minha opinião? Eu dou-ta e assumo, também não concordo com essas cotas, se lutamos por uma igualdade de género, se defendemos, Beatriz, dou-te resposta à tua questão, claro que não havia de haver diferenças, um beijinho para ti e muito obrigado. -----

--- Convido agora o Senhor Coronel Pizarro a fazer a sua intervenção sobre o 25 de Abril. –

--- **SENHOR CORONEL PIZARRO:** - No uso da palavra, disse: Senhor Presidente da Assembleia Municipal, demais Deputados, Senhor Presidente da Câmara, Senhores Vereadores, Autoridades Militares, Cíveis e Universitárias, Minhas Senhoras e meus Senhores.

--- Vou falar-vos um pouco do vinte e cinco de Abril, dar-vos uns pequenos pormenores até chegarmos a essa vinte e cinco e depois a minha experiência pessoal do próprio vinte e cinco de Abril. -----

--- Estávamos em guerra e era com convicção quase total de toda a gente, todos os militares que ela não tinha solução militar. Tinha que haver uma solução política, só que, quem nos governava então, pese embora, uma certa abertura, quando o Professor Marcelo Caetano assumiu o poder, nós pensávamos que poderia ser nessa altura o nosso país deixar de estar no isolamento, no ostracismo, a que fomos votados durante quarenta e oito anos. -----

--- Mas tal não aconteceu, talvez não fosse por vontade própria dele, só que a ditadura tinha como figura principal o Almirante Tomás, Presidente da República, com certeza não lhe permitiu. -----

--- Há dois acontecimentos em mil novecentos e setenta e três que foram propulsores e conseguiram unir a grande maioria dos Oficiais, jovens Capitães e Tenentes, que foi o congresso a patentes, foi um autêntico congresso de bater palmas ao colonialismo, à guerra. Portanto foi um congresso a seguir as pisadas das diretrizes do Governo, depois de conhecer o Decreto nº 353/73 do então Ministro da Defesa Nacional, do General Sá Viana Rebelo, em que alterava completamente, os sistemas de produções entre os oficiais do quadro oriundo de Cadetes da Academia Militar e uns Oficiais Milicianos que frequentaram a Academia. -----

--- Isso provocou muito sururu a nível dos jovens oficiais, houve várias exposições, manifestações, mas nada demoveu o Governo de continuar essa política. Havia, por exemplo, Capitães Milicianos que, de uma assentada, com aquela legislação, passavam a Tenentes-coronéis. -----

--- Há também, algo cooperativo no início da nossa revolução. Foi formada uma comissão “ad hoc” de cinco ou seis Oficiais, todos Capitães, coordenada na altura pelo Capitão Vasco Lourenço, que proveu uma reunião na herdade do Sobral em Évora, onde participaram cento e trinta e seis jovens Oficiais, todos Capitães e Tenentes. -----

---- No dia um de dezembro, em Óbidos, cento e noventa e um Oficiais, representantes de cerca de quinhentos, já com Oficiais superiores presentes, voltou-se a falar na hipótese de ou o Governo cedia, politicamente e entrava em contacto com os movimentos que faziam a guerra nas colónias, Angola, Moçambique e Guiné, ou mantendo a mesma política abrir a hipótese de uma ação militar. -----

---- Essa ação militar ficou definida praticamente no dia cinco de março, numa reunião em Cascais, onde estiveram também cerca de duzentos Oficiais, representando mais de quinhentos, porque aí apareciam os delegados das diversas unidades e, os outros Oficiais mantinham a sua vida normal, em que foram tomadas as decisões finais, ou seja, estão lembrados que no mês anterior, salvo o erro, doze de fevereiro foi publicado um livro de importância capital para a época “Portugal e o Futuro”, do General António de Spínola, em que ele era francamente claro em que a guerra do ultramar não tinha solução militar mas sim solução política. -----

---- Isso levou a que o Governo o demitisse das funções de Vice-chefe de Estado-maior das forças armadas e também demitido o próprio General-chefe das forças armadas portuguesas que era o General Costa Gomes. -----

---- Nessa reunião de Cascais, em março, foi definido que teria que haver um Golpe Militar e foi também dado o “agrément” à comissão coordenadora para convidar os generais Spínola e Costa Gomes para liderarem essa revolução, desde que aceitassem o programa político do movimento das forças armadas. -----

---- Entretanto começou a haver problemas. Estava em Lamego na altura, em quinze de março, aquando da exoneração dos dois Generais, a minha unidade entrou num ato de supervenção, deixamos de ser então do comando do Porto, dizíamos que queríamos o comando de Coimbra, no dia seguinte, nem de propósito, aparece o dezasseis de março, com o fim que todos conhecem, o dezasseis de março aparece movido por uma ala do exército que era afeta ao General Spínola, que estava com uma vontade imensa de, rapidamente, entrar numa ação militar e, nada ainda estava preparado. -----

---- Nas Caldas da Rainha onde se deu o levantamento, alegou mais tarde que julgava que já havia outras agilidades no terreno, eles contactaram connosco em Lamego, em Lamego disse-lhes apenas que a unidade estava sobre rodas. Para quem é militar sabe perfeitamente que sobre rodas pode ter dois significados, pode estar a andar ou estarmos prontos para qualquer eventualidade. -----

---- Portanto, com o resultado que todos viram porque as unidades não estavam ainda preparadas, não havia ordem de operações para executarem o Golpe Militar. E quem foram as unidades que cercaram as Caldas? Uma delas foi a Escola prática de Cavalaria de Santarém. Quem foi o Comandante da Escola das Caldas, foi o Capitão Salgueiro Maia, um dos elementos do Movimento das Forças Armadas. Numa tentativa de não haver mais problemas com outras unidades. -----

---- O Comando de Operações continuou, ouve a necessidade de apressar todas essas operações porque havia o receio da PIDE, quer das outras forças que não eram afetas ao movimento e que tinham algum poder na altura, refiro-me à Guarda Nacional Republicana. Portanto, era necessário, rapidamente, fazer o Golpe Militar. -----

---- Às três da madrugada do dia vinte e quatro, recebo em Aveiro, porque tinha sido transferido disciplinarmente de Lamego para Aveiro por causa da sublevação de quinze de março e recebo pelas mãos do Capitão Sousa e Castro, que mais tarde foi conselheiro da revolução a ordem de operações para o dia vinte e cinco. -----

---- A companhia que eu ia comandar estava no campo em exercícios para uma inspeção do segundo comandante da região militar do centro. Depois da meia-noite, meia-noite e vinte, a Grândola Vila Morena, desloquei para o campo, assumi o comando da companhia, eles mal me conheciam porque estava na unidade há meia dúzia de dias, só havia comentários: “o que este *gaijo* quer?” Mas seguiram e chegamos à Figueira da Foz, local de concentração da minha unidade pro vinte e cinco de Abril, três menos um quarto, nós tínhamos que lá estar até às três, o rapto da artilharia onde estava o Dinis de Almeida fechado, com pouco movimento e, naquela altura, passou-me rapidamente pela cabeça segundo dezasseis de março. -----

---- Felizmente não foi, o Capitão Dinis de Almeida prendeu o comandante, abriu-se os portões, as únicas munições que levava eram as dotações de segurança dos edifícios, duas mil munições porque o oficial encarregado comprometeu-se a estar no campo com munições e à última da hora teve algum receio e não apareceu. -----

---- Nós não podíamos fazer o Golpe sem munições. O que aconteceu? Portanto, entramos no regimento de artilharia e perguntei se havia munições, não havia, o responsável não estava, não havia problema, o militar sempre se desenrasca, é o termo a nível militar. Uma viatura minha, paiol dentro, e ouve municiação para toda a gente, quer para nós, quer para as forças do regimento de artilharia. E aguardamos que chegasse a companhia de Viseu que fazia parte também o nosso agrupamento. -----

---- E qual era a nossa primeira missão? Ocupar o Forte de Peniche. Às cinco da manhã a companhia de Viseu ainda não tinha chegado, porque ouve um incêndio no parque de viaturas em Viseu, nós resolvemos avançar, a minha companhia porque era a única operacional das três, as outras eram de recrutas e, seguimos, contornámos Leiria porque era um regimento não afeto ao movimento, passávamos em frente às Caldas da Rainha, onde não tivemos qualquer problema e chegaríamos de madrugada a Peniche. -----

---- Mais um contratempo a nove quilómetros de Peniche. Uma das últimas viaturas teve uma avaria mecânica e ficou no meio da estrada impedindo a continuação da minha companhia. Tivemos que pegar na viatura, colocá-la na berma e cheguei a Peniche numa quinta-feira, com um chuvisco miudinho. Eu nunca tinha entrado em Peniche, a única coisa que sabia era que tinha o *croquis* que me tinham dado para chegar ao Forte. -----

---- Encontrei um cidadão, onde a que é o Forte? Não tem nada que enganar, cheguei ao Forte a primeira coisa que eu vi foi elementos da Guarda Nacional Republicana, e eu bem, não há tropa lá dentro. -----

---- E, mais ainda, era dia de feira em Peniche e a feira franca em Peniche é em frente ao Forte. Eu dispus as minhas forças e vieram dois ou três feirantes falar comigo e perguntaram se havia algum problema, com tanto aparato. Olhei para o relógio, três de cinco minutos para evacuar tudo aí da feira. -----

---- Estive em Lamego muitos anos, julgava que nós eramos impecáveis nesse aspeto, ordem: em três minutos tem de estar tudo limpo. Ora bem, meus amigos, três, quatro, cinco minutos, no máximo, a praça ficou vazia, só se notava que tinha havido uma feira porque havia uns plásticos e umas caixas vazias. -----

----- Depois do cerco estar montado, dirigi-me ao portão principal do Forte, estava lá um inspetor da PIDE DGS, que me perguntou o que significava o aparato, o que era que a tropa queria, e eu disse-lhe apenas: venho ocupar o Forte, e ele disse: eu não tenho ordens para lhe dar o Forte. Eu tenho ordens revolucionárias para ocupara o Forte com certeza que o Senhor Inspetor já ouviu pela rádio, de facto estou sem comunicação de Lisboa, os meus superiores não me dizem nada o que tenho que fazer a seguir. O Senhor Capitão já que tem essas ordens só lhe pedia trinta minutos para lhe entregar o Forte. -----

---- E o que disse àqueles miúdos há pouco era não haver derramamento de sangue. Sim Senhor, Senhor Inspetor, tem os trinta minutos para entregar o Forte. Entretanto chegou o comandante das forças vindo de Viseu, pu-lo ao corrente da situação. Uma das companhias que eram recrutadas, foi colocada dentro do Forte, os presos políticos saíram das celas, não foram libertos, eram as instruções que tínhamos, só as entidades ligadas ao Movimento das Forças Armadas é que podiam fazer essa distinção entre os presos comuns e os presos políticos, foi o que aconteceu em Peniche, foi o que aconteceu em Caxias e de seguida rumamos para o segundo objetivo que era Lisboa. -----

---- Chegamos, como disse há pouco, seis e tal da tarde e vimos de facto uma cidade completamente diferente, eu estudei em Lisboa, uma euforia enorme na Cidade de Lisboa.

----- E então sim, já se viam cravos aqui, cravos além e fiquei naquilo que a terminologia militar designa de intervenção ao Governo Militar de Lisboa. E porquê uma unidade de Aveiro ficar de intervenção ao Governo Militar de Lisboa? Porque algumas unidades ainda não tinham aderido ao movimento entre as quais uma que ficou célebre que foi o Ralis. Outras unidades estavam empenhadas nas próprias comemorações do vinte e cinco de abril.

---- Estive em Lisboa durante quatro dias, de vinte e cinco a vinte nove de abril. Pouco ou nada foi feito a não ser uma intervenção no jornal do regime. Para quem se lembre era o jornal chamado “Época”, cujo director era Dutra Faria. Estava cercado por manifestantes, tinha ordem para evacuar todos os jornalistas que estavam dentro do edifício. Não foi fácil,



teve uma ação também muito importante o homem que é do meu curso, infelizmente, já falecido, que foi o comandante das forças de dezasseis de março, Capitão Virgílio Varela. ---

--- Conversa pessoal, deixa lá este pessoal já está há três dias sem dormir, não criem problemas, lá consegui acalmar o pessoal, levá-los, libertá-los em S. Sebastião da Pedreira e levaram-nos à sua vida. -----

--- Nós temos a sensação de que o vinte e cinco de abril foi algo extraordinário para o nosso país. Tivemos depois incidentes de percurso. Normalmente neste tipo de revoluções há incidentes de percurso. Em preparação política quem faz a revolução, íamos poucos militares com alguma experiência política, das eleições de sessenta e nove e pouco mais. De resto eram jovens que saíam das escolas militares pegavam nos pelotões das companhias e prioritariamente tinham destino, Africa. -----

--- E, de facto, esses incidentes aconteceram prioritariamente em mil novecentos e setenta e cinco. -----

--- Mas, meus amigos, eu continuo a dizer que talvez, não é talvez, foi mesmo o dia mais importante da minha carreira militar. -----

--- E nisso consubstancio-me na escola que temos, na saúde que temos e, fundamentalmente porque estamos aqui hoje, algo que a revolução deu foi o poder local, aproximação dos eleitores aos eleitos que são eles, de facto, o primeiro degrau e, que poderemos ser no futuro o último a obstar que alguma coisa possa voltar para trás. -----

--- Era isto que vos queria falar sobre o vinte e cinco de abril e a experiência daquele dia, muito obrigado pela atenção. -----

---- **O PRESIDENTE DA MESA DA ASSEMBLEIA MUNICIPAL:-** No uso da palavra, disse: Muito obrigado, Senhor Coronel Pizarro. -----

---- E, agora tenho a honra de convidar para usar da palavra, o Excelentíssimo Senhor Presidente da Câmara Municipal de Vila Real, Engenheiro Rui Santos. -----

---- **O PRESIDENTE DA CÂMARA MUNICIPAL (RUI SANTOS):** - No uso da palavra, disse:

*«Exmo. Sr. Presidente da Assembleia Municipal de Vila Real, Caro Amigo, Doutor João Gaspar, não imagina o gosto que tenho em passado quase cinco anos de o poder chamar Senhor Presidente da Assembleia Municipal de Vila Real, democraticamente eleito pela maioria dos cidadãos de Vila Real.*

*Demais Membros da Mesa,*

*Exmos Senhores Deputados Municipais,*

*Exma(o)s. Sra. Vereadora e Srs. Vereadores do nosso Município,*

*Exma(o)s. Senhoras e Senhores Deputados Municipais e demais autarcas presentes,*

*Exmo. Senhor Ex-presidente da Câmara Municipal de Vila Real, Doutor Armando Moreira,*



*Exmo. Senhor Ex-presidente da Assembleia Municipal de Vila Real, Doutor Pedro Ramos, Caríssimo Coronel Rodrigo Pizarro, na sua pessoa cumprimento e agradeço a todos os militares que heroicamente saíram à rua no dia 25 de Abril de 1974,*

*Senhor Juiz Presidente da Comarca de Vila Real,*

*Senhor Comandante do regimento de Infantaria 13,*

*Senhor Comandante da GNR,*

*Senhor Comissário da PSP,*

*Senhor Primeiro e Segundo CODIS,*

*Senhores Comandantes da Cruz Branca e Cruz Verde,*

*Exmo. Senhor Pró-Reitor da UTAD,*

*Exma. Senhora Diretora do Instituto de Emprego e Formação Profissional,*

*Exmo. Senhor Representante do Centro Hospitalar de Trás-os-Montes e Alto Douro,*

*Exmo. Senhor Representante das Infraestruturas de Portugal,*

*Exma. Senhora Administradora da UTAD,*

*Demais entidades civis, militares e religiosas presentes,*

*Exmos. Senhores membros da Comunicação Social,*

*Cara e Caros Amigos, a todos agradeço penhoradamente a vossa presença,*

*Permitam-me um cumprimento muito especial para a direção do Conservatório Regional de Música de Vila Real, que este ano nos recebe no dia 25 de Abril.*

*Caríssimos convidados, nomeadamente aos jovens da nossa Assembleia Municipal Infantil, Minhas senhoras e meus senhores,*

*Permitam-me que inicie a minha intervenção desta sessão solene comemorativa da revolução de Abril, saudando os que fizeram, os que fazem e os que sempre farão de Abril uma inspiração para uma sociedade em que os cidadãos e as comunidades se consigam realizar.*

*Para mim, para nós, Abril não é apenas um momento. A herança de Abril é um processo permanente, sempre incompleto, sempre ambicioso, mas sem espaço para conformismos. Saúdo, por isso, os que pensaram e agiram, os que pensam e fazem e os que querem lutar para não continuarmos como estamos. Saudamos aqueles que acreditam nos valores de Abril.*

*E mais do que olharmos para trás, em vez de exercitarmos apenas alguma nostalgia, de disputar partidariamente a herança de Abril ou de lamentar algum do caminho percorrido, importa olhar para o presente e para o futuro com impulso de mudança.*

*Sem excessivo encantamento sobre o passado, temos noção do que era Portugal em 1974 e do que é o nosso país hoje.*

*Recordamos o contributo de tantas mulheres e de tantos homens, que deram o seu melhor para preservar a nossa identidade, as nossas tradições e a nossa cultura, e ao mesmo tempo*



*para modernizar o país e para lançar muitas sementes de qualificação, de solidariedade e de esperança.*

*Não terá sido fácil começar uma democracia, num quadro de pobreza e analfabetismo, num Portugal onde quase metade dos seus cidadãos, não tinha eletricidade, água canalizada ou esgotos nas suas casas. Onde uma grande parte das pessoas, não tinha acesso a cuidados primários de saúde e 30% delas não conseguia ler um letreiro numa rua. Onde tantos dos nossos jovens tinham morrido ou ficado marcados para sempre por uma guerra que não compreendiam.*

*Ao longo destas mais de 4 décadas, conseguiu-se a paz, construíram-se estradas, pontes, levou-se saneamento básico do norte ao sul, promoveu-se o acesso à educação, à cultura, ao desporto, ergueram-se escolas e equipamentos sociais. Conquistaram-se direitos e deveres, promoveu-se a igualdade de género e modernizou-se o país. Construiu-se um poder local democrático e presente na vida dos cidadãos, primeira linha dessa mesma modernização. Entramos na família europeia como membros de plenos direitos e também de deveres.*

*E chegamos aos dias de hoje. Acredito que quarenta e quatro anos depois daquele magnífico dia de 74, este volta a ser um tempo de mudança, de participação e de esperança.*

*Portugal é um país que, apesar de relativamente pequeno, apresenta uma enorme diversidade de realidades no seu território. Esta diversidade verifica-se ao nível dos costumes, da orografia ou da cultura. Mas as grandes diferenças entre territórios, aquelas que nos exigem, permitam-me o exagero, uma nova revolução, são os desequilíbrios que se verificam ao nível do Desenvolvimento que, todos sabemos, era também um dos “D’s” de Abril.*

*Um desequilíbrio, quer no desenvolvimento social, quer no desenvolvimento económico, passando naturalmente pelas questões populacionais, etárias, das acessibilidades, do emprego e da competitividade, entre outros.*

*A revolução que preconizo é aquela que considero a verdadeira reforma do Estado, é o “D” que Abril não cantou, é o “D” de Descentralização.*

*Depois de quatro décadas em que se pediu ao governo central que viesse resolver os nossos problemas estruturais, chegou o tempo de tomar nas nossas mãos essa missão, contando com o governo como um aliado natural, ele próprio interessado nas questões da coesão territorial, na ocupação do território nacional e no desenvolvimento harmonioso.*

*A descentralização de competências do governo central para as autarquias, que mereceu recentemente o acordo entre os dois principais partidos da democracia Portuguesa, será um desafio importante que os autarcas deverão abraçar sem hesitação. Por um lado, porque permitirá a prestação de um melhor serviço público aos cidadãos, depois porque as autarquias já provaram serem mais eficazes e mais eficientes na gestão das finanças públicas, mas também porque a descentralização de competências significará também uma descentralização do investimento e dos meios financeiros para o fazer.*

*Acredito nos nossos eleitos locais. Acredito que, independentemente dos partidos que representem, quererão o melhor para as suas populações. Acredito que abraçarão este novo desafio como uma evolução natural e um aprofundamento importante da nossa democracia. Em cada uma das nossas vinte freguesias, todos os Vila-realenses podem continuar a contar connosco, fiéis à esperança que depositaram em nós, para, com rigor, com responsabilidade e com sustentabilidade, continuarmos a cumprir Abril.*

*No dia um de outubro os Vila-realenses deram-nos a maior de todas as vitórias em democracia no Concelho de Vila Real, saberemos honrar essa confiança, saberemos estar altura da responsabilidade que em nós depositaram.*

*Viva o 25 de Abril!*

*Viva o Município e Viva as Freguesias de Vila Real!*

*Viva Portugal!»*

**----- O PRESIDENTE DA MESA DA ASSEMBLEIA MUNICIPAL:-** No uso da palavra, disse:

*«Minhas queridas Amigas e Amigos,*

*Senhas e Senhores Deputados da Assembleia Municipal de Vila Real,*

*Ex-presidentes da Assembleia Municipal e agradeço a vossa presença aqui e hoje por ter tomado o vosso lugar, espero ser merecedor dessa honra,*

*Senhores Ex- e presentes Deputados da Nação,*

*Senhor Juiz Presidente da Comarca de Vila Real, Doutor Álvaro Monteiro,*

*Senhor Vice-Reitor da UTAD, Professor Doutor José Luís Teixeira,*

*Senhora Administradora da UTAD, Doutora Elsa Justino, que nos deu o prazer de acompanhamento da sua filha Beatriz,*

*Senhor Coronel António José Pereira Leal, da Guarda Nacional Republicana,*

*Senhor Comandante, Coronel Nuno Manuel Mendes Farinha, do regimento de Infantaria nº 13,*

*Sub-comissário Vaz da Polícia de Segurança Pública,*

*Senhor Doutor Armando Moreira,*

*Diretor da Segurança Social, Doutor José Rebelo,*

*Tenente Coronel da Cruz Vermelha,*

*Comandante Distrital de Operações e Socorro de Vila Real, Engenheiro Álvaro Ribeiro,*

*Senhor Segundo Comandante Distrital de Operações de Socorro de Vila Real,*

*Senhora Diretora do Estabelecimento Prisional, Maria Celeste Sales Moimenta,*

*Diretora do Centro de Emprego e Formação Profissional, Doutora Doroteia,*

*Águas do Norte, em representação do Senhor Engenheiro Moras,*

*José Silva da Emar,*

*Maria João Fernandes,*

*Delegada do Inatel,*

*Infraestruturas de Portugal, Engenheiro Jorge Machado,  
Enfermeiro Júlio Azevedo, em representação do Conselho de Administração do Centro Hospitalar de Trás-os-Montes e Alto Douro,  
Engenheiro Madeira Pinto, Vila Real Social,  
Doutor Hugo Moreiras, do Centro Hospitalar de Trás-os-Montes e Alto Douro,  
Senhor Comandante dos Bombeiros da Cruz Verde,  
Senhor Comandante dos Bombeiros da Cruz Branca,  
Senhor Presidente da Direção da Cruz Verde,  
Senhor Presidente da Direção da Cruz Branca,  
Presidente do CCD, Senhora Doutora Ana Benídio, muito obrigado pelo seu contributo e apoio logístico que forneceu à vinda e à estadia das nossas crianças, hoje aqui nesta Assembleia Municipal,  
Centro Cultural de Vila Real, Doutor Herminio Botelho,  
Concelhia do PSD,  
Concelhia do PCP  
Senhor Doutor Pedro Ramos, um abraço, meu amigo,  
Senhor Doutor Costa Leite, também um abraço,  
Senhor Professor Daniel Bastos,  
Senhor Brochado,  
Ao meu amigo Alexandre Favaio,  
Também pelo seu contributo que deu, Doutora mara Minhava,  
Doutora Ana Daniela,  
Alcina Macedo,  
Deixa-me também dar um agradecimento muito grande, à Maria João e à Lurdinhas, funcionárias da nossa Assembleia Municipal, muito obrigado,  
Também tenho que agradecer por esta magnífica disposição, aos serviços da nossa Câmara Municipal de Vila Real,  
Há minha querida Amiga, de ti para mim, Senhora Arquiteta, Graça Campolargo, por esta decoração com nível sóbrio e simples, à nossa maneira, muito obrigado, Graça,  
À Direção do Conservatório Regional de Música de Vila Real por nos ter facultado este espaço,  
E ao meu querido Amigo e permite-me que te trate assim, Rui Santos,  
É um sonho também para mim, estar aqui, é o concretizar de uma caminhada na tua companhia, sempre de uma forma leal, sempre de uma forma livre, sempre de uma forma crítica e unívoca e mútua para agradecimento do nosso Concelho, da nossa sociedade, um grande abraço, para ti, muito obrigado,  
Cumprimento também todos os Vereadores aqui presentes,*

*Há minha destinta Mesa que, me têm trazido “ao colo”, no comando das Assembleias Municipais,*

*Muito obrigado a todos,*

*Muito obrigado também às Escolas do Concelho de Vila Real, por todo o contributo que deram, e de que maneira, porque a bitola está muito elevada,*

*Meus queridos amigos Presidentes das Juntas de Freguesia,*

*A todas as outras entidades militares e civis, que não foram enumeradas,*

*E ao meu querido amigo e destinto, com muita admiração, Senhor Coronel Pizarro, para si também um grande abraço,*

*E, depois do adeus....*

*Decorreram 44 anos desde o dia 24 de Abril de 1974, quando, em Coimbra, por volta das 7 horas da tarde, dois jovens caloiros da faculdade de Medicina, regressavam a casa, localizada na Rua Antero de Quental, quase paredes meias com a sede da famigerada PIDE/DGS, após terem terminado as aulas.*

*No passeio contralateral e no mesmo sentido, duas das colegas, despediam-se com um agradável “então adeus e até amanhã!...”*

*Neste preciso momento, e completamente descontextualizado, surgindo de um vazio afetivo, um personagem com uma calvice acentuada, de forma ovalada, acompanhada, de um fáceis ríspido, frio, austero, e vestido com uma gabardine de cor bege, fala para nós, com um ar ameaçador: “Ah! Ah! Pois é! Amanhã é que vamos ver o Adeus...”*

*“Provincianos” oriundos de Aveiro, ficámos atónitos, com um pensamento impregnado de terror, uma angústia misturada com uma enorme ansiedade, pensando na nossa família e no nosso futuro. Desconfiámos e presumimos quem seria aquele brutamontes, gordo!?*

*Isto não é ficção. É factual, pois aconteceu!!!*

*Mas nada acontece por acaso, e hoje, pergunto, uma súplica Divina, para quem dirigia ele aquelas palavras? Para nós ou para si próprio?*

*Durante aquela noite, não dormimos nada, ao contrário dele, que, também presumo, deveria ter dormido bem...*

*Pela manhã, ao acordar cedo e preparar para as aulas, liguei o rádio transístor de pilhas, de marca “Mediator”, enquanto me lavava. Eis o meu espanto, quando as notícias transmitidas era o paradigma da mudança.*

*Parecia um sonho que estávamos a viver.*

*A alegria foi enorme, a angústia desapareceu mas permaneceu a ansiedade, por querer saber mais, e mais...*

*Sáimos de casa e a euforia enfeitava as ruas daquela mítica cidade, alimentava as mentes das pessoas, que nos pareciam mais alegres, desinibidas e até com mais força e motivação. Obrigado, 25 de Abril, por, de uma forma imediata e espontânea me teres repostos toda a*

*calma, tranquilidade, que era a qualidade de vida desejada, por todos nós, para ansiarmos a um desempenho ótimo nas nossas funções.*

*Agora, somos um País livre, com igualdade de oportunidades, de Direitos. Iremos lutar para fazer desaparecer a miséria, o sofrimento das famílias, com a separação dos seus entes mais queridos, quer pela força imperiosa da emigração, quer pela obrigação do cumprimento obrigatório da estadia no teatro de uma Guerra Colonial.*

*Que bom será podermos transmitir as nossas ideias, competir por objetivos com regras paritárias; ser reconhecido pelo próprio valor e não por outros parâmetros, muitas vezes obscuros.*

*Que magnífico será, um Sistema Nacional de Saúde a responder e satisfazer as necessidades dos Portugueses de uma forma indiscriminada.*

*Uma política social condigna, que abasteça de conforto todos os que trabalham em prol do bem comum, com o seu trabalho honrado, em todas e quaisquer áreas.*

*Uma sociedade com valores morais que incrementem o respeito entre todos, na totalidade das áreas da nossa convivência, seja religiosa, política, económica, judicial ou meramente afetiva, da igualdade e do género.*

*Mas... Acordai por favor!!! Este é um sonho que dura já há 44 anos!...*

*Então, onde está este 25 de Abril?*

*Desapareceu? Estrangularam-no? Desprezaram-no?*

*Que desilusão sinto, acompanhada agora de terror, angústia e ansiedade, por desconhecer qual o limite e o fim deste cenário.*

*Sim, comigo incluído, somos todos coniventes com esta situação, porque reagimos muito, mas agimos muito pouco.*

*As palavras, leva-as o vento, como diz o poeta.*

*Exigem-se atitudes, demonstrações de correção, de afeto, de igualdade, de liberdade e principalmente de solidariedade e tolerância.*

*Construímos e vivemos numa sociedade sem valores morais, onde “o vale tudo” impera! Onde a promiscuidade moral se desenvolve, onde os afectos são trocados por agressões constantes, quer sejam físicas ou morais (reparem, por exemplo, que assistimos diariamente à passagem de imagens na televisão, da exploração humana, carnificinas, na Síria e noutras regiões do Globo, enquanto jantamos ou almoçamos, impávidos e serenos, como se nada fosse?!); pedofilia constante, até em níveis sociais santificados; famílias destruídas nos seus laços afetivos máximos, por exemplo: filhos que matam os seus pais!...*

*Onde estamos? Onde vivemos? O que estamos a deixar fazer?*

*Basta! Basta!!!*

*Usar as pessoas enquanto são convenientes, necessárias, e depois, quando tudo se queria se concretizou, nos sonhos ambiciosos que se construíram egoisticamente, deitam-se fora, como se fosse lixo.*

*É esta a chicória da nossa sociedade, com a teoria moderna, contemporânea, do “disposable”.*

*Não olhar a meios para se atingir fins, custe o que custar, nem que seja condenar amigos, utilizar os seus pares, e até no limite matar...*

*Construímos uma sociedade, ou antes e melhor dizendo, uma selva onde proliferam animais com cabeça muito grande e umbigo enorme, alimentados por jogos de interesses, troca de influências, chantagens emocionais, arranjos de conveniência que satisfazem ambos os campos em luta.*

*Que hipocrisia! Que falta de nível! Que falta de seriedade!*

*Que vergonha!*

*Onde está a Dignidade? A Lisura? A Educação?*

*Todos sabemos, que não compramos absolutamente nada com isto, mas construímos valores como o Respeito, a Honra, desiderato que nem todos conseguem alcançar.*

*Mas nem tudo é mau, nem tudo está perdido!*

*Teremos de nos unir e lutar para que nada se desmorone.*

*Contem comigo para o fazer, que eu contarei convosco, de uma forma coesa, e em conjunto conseguiremos trazer de volta os valores que herdamos dos nossos antepassados queridos.*

*Modificar o status-quo de desigualdade assustadora, onde existem os muito ricos e os muito pobres;*

*Vamos, em conjunto combater o “modus vivendi” de corrupção que se instalou e que nos assusta, e nos quer derrubar.*

*Vamos contribuir para uma justiça balanceada por um fiel isento. Uma justiça que não seja influenciada por mais nada que não seja a verdade e à qual todos tenham acesso equitativamente.*

*Vamos ensinar as gerações vindouras, com a prática de atitudes que preservem o meio ambiente, bem por todos partilhado e fazer a profilaxia de grandes catástrofes que potencialmente afetem a humanidade.*

*Dar ao Sistema Nacional de Saúde a possibilidade de equitativa e qualitativamente prestar os cuidados de saúde necessários a todos e fazer a prevenção adequada de outros males.*

*Proporcionar a todos, por igual o usufruto de uma Escola Pública desinteressada de outros valores, que não sejam educar, construir cidadãos, homens e mulheres de grande valor moral e científico. Escola acessível para todos, será um dos grandes pilares do nosso desenvolvimento, do nosso bem-estar nacional.*

*Por estas e outras razões, apelo a todos vós, Homens bons, que nos unamos e possamos construir o nosso objetivo comum.*

*Não será fácil, porque nem tudo o que reluz é ouro, e nem tudo o que balança cai.*

*As pessoas não valem pelo que parecem, mas por aquilo que são.*



*Se conseguimos, de uma forma humilde, honesta e desinteressada, fazemos hoje um exame de consciência, sobre a nossa performance social, o 25 de Abril voltou aos nossos corações. De contrário, esse evento não passou de mais uma rotina anual no nosso calendário.*

*Sejamos todos diferentes para melhor!*

*Só assim este mundo terá significado, com tudo o que profetizamos, quer política, quer religiosamente!*

*Todos, mas todos nós, e sem qualquer distinção de adereços na lapela.*

*Sejamos corajosos! Coerentes!*

*Sejamos Mulheres e Homens com dignidade em prol do que estamos a construir para os nossos filhos e netos.*

*Obrigado a todos vós pela atenção prestada e pela compreensão que tiveram ao ouvir as minhas palavras.*

*Somos a sociedade!*

*Ela precisa de nós, dos nossos créditos e valores.*

*Viva Vila Real,*

*Viva Vila Real,*

*Viva 25 de Abril,*

*Disse.»*

---- **A SENHORA SEGUNDA SECRETÁRIA (FÁTIMA MOURIZ):** - Disse: Só para informar que para encerrar estas magníficas comemorações do 25 de Abril, abrilhantando pelo Coro da Cidade, dirigido pelo Maestro Adriano Silveira. Muito obrigada. -----

---- **SENHOR ARQUITETO RICARDO SALTELMO:** - Disse: Bom dia, os nossos representantes já disseram tudo o que havia para dizer. Agradecer à Assembleia Municipal, em nome do Senhor Presidente, por nos ter convidado que nos honra muito. -----

---- Vamos cantar dois temas não exatamente alusivos ao 25 de Abril, mas um poema de António Cabral – Azulejo (Vila-realense), a balada de outono de José Afonso e o Hino Nacional. Muito obrigado. -----

---- **O PRESIDENTE DA MESA DA ASSEMBLEIA MUNICIPAL:-** No uso da palavra, disse: Muito obrigado, também não queria deixar de agradecer em nome do Município de Vila Real, a presença dos diversos órgãos de comunicação social aqui presentes. E para este encerramento em chave de ouro, agradecia, o nosso muito obrigado pela vossa presença. Temos um porto honra para comemorarmos. -----

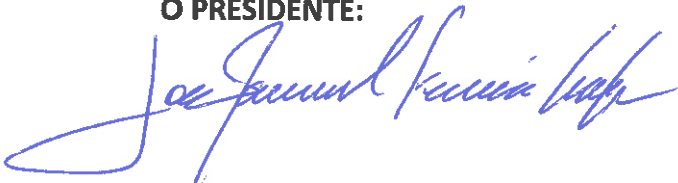


**ENCERRAMENTO DA REUNIÃO:**

-----O Senhor Presidente da Mesa da Assembleia Municipal deu por encerrada a sessão, era doze horas e trinta minutos do dia vinte e cinco de dois mil e dezoito. -----

-----A presente Ata vai ser assinada, nos termos do disposto no nº 2 do artigo 57º do Anexo I à Lei 75/2013 de 12 de Setembro e do nº 2 do artigo 79º do Regimento da Assembleia Municipal de Vila Real, aprovado na Sessão da Assembleia Municipal de 27 de Fevereiro de dois mil e catorze. -----

**O PRESIDENTE:**



**O PRIMEIRO SECRETÁRIO:**



**A SEGUNDA SECRETÁRIA:**

